

Andar com fé e o sentido do chegar

Heloisa Ribeiro

Apresentação

Peregrino que sobe montes para ver horizontes

Homem de alma errante e doída de verdades

Que busca a solidão para ter companhia

Mente vagabunda que peregrina,

Que voa mas que também caminha

Ainda que sempre atada, vai e vai

Teu caminho vai a um lugar, e tu...

Aonde vais?

(poema anônimo escrito na parede do albergue

de Manjarin, no caminho de Santiago)

O fenômeno das peregrinações é próprio de cada cultura. Cada país ou região tem uma conformação histórica, política, cultural e religiosa que vai determinar a forma, a intensidade e o sentido do andar, nas suas rotas da fé. Essa diversidade de motivações, no entanto, acabam remetendo a uma mesma essência: as peregrinações constituem um fenômeno ligado à natureza do ser humano. O peregrino percebe-se como alguém que está a procura de Deus, em busca de respostas e de socorro para as suas necessidades espirituais ou materiais.

Desde a Antigüidade, as peregrinações

se caracterizam pela movimentação das pessoas e pelos rituais que as acompanham. Andanças e rituais evocam a relação com o sagrado, que a veneração e a oração nos lugares santos simbolizam como de maior força e concretidade. Render graças, cumprir promessas, fazer oferendas e pedidos de intervenção do sagrado sobre a realidade cotidiana assumem aspectos de comunicação mais objetiva ao se efetivarem em determinados espaços.

Durante a Idade Média, as peregrinações assumiram aspecto significativo na paisagem européia, quando estratégias políticas e devoção intercambiaram objetivos e motivações. A figura do peregrino cristão, a pé, faz parte de um quadro místico, onde a fé e as penitências conviveram com os perigos e a necessidade de ocupar regiões, defendendo-as de invasores. Para isso, ocorreram a ampliação do culto aos santos, a multiplicação de festas e das romarias para visitar templos, relíquias e sepúlcros. Algumas das principais rotas se dirigiam a Roma, para os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo, ou para o túmulo de Tiago, em Compostela, na Espanha.

No período do Renascimento o mundo começou a deixar de ser considerado uma estrada, pela qual as pessoas deviam continuamente passar como peregrinos. A

urbanização e o aparecimento de novas filosofias arrefeceram o poder do cristianismo e contribuíram para diminuir o fluxo de peregrinos.

Nos séculos XVI e XVII, vários santuários começaram a distinguir-se em locais afastados das cidades, em meio a natureza inhóspita. Na austeridade desses locais desabitados e isolados, em meio a florestas e montanhas, religiosos e fiéis buscavam a libertação dos prazeres do mundo - que multiplicavam-se nas cidades que cresciam - e das tentações da carne, que o convívio promíscuo nas aglomerações urbanas incentivavam. Na geografia circundante a essas ermidas, apareciam novos elementos de significado místico, como grutas, rios, montanhas e desertos. As peregrinações a esses locais passaram a metaforizar a busca pelo sagrado, e a Natureza associava-se à manifestação do divino, impondo os desafios para fortalecer a vontade do homem.

Na Idade Moderna, novos hábitos e circunstâncias de vida fizeram diminuir o ímpeto das peregrinações, que foram parcialmente substituídas pela vigília e pela novena. Os novos compromissos do trabalho faziam escassear o tempo disponível para cumprir as longas rotas da fé. As manifestações de devoção tornavam-se cada vez mais estáticas e restritas a determinados locais, previamente delimitados para essa função. Aqueles poucos que ainda participavam de peregrinações se esforçavam para trazer do santuário uma relíquia ou lembrança, que pudesse ser compartilhado com os que não foram. Esse objeto tornava-se uma forma de manter os vínculos entre os participantes da romaria e elemento de confraternização com os demais, transformando-se numa espécie de elo para a celebração de rituais.

Na segunda metade do século XIX, as peregrinações re floresceram de modo diferente, ainda que apresentando os mesmos elementos de suporte, como os

dogmas da religião católica e os valores bíblicos. Os romeiros passaram a compartilhar não apenas a fé como também a intenção de desfrutar momentos de lazer em conjunto, onde era rompido o cotidiano de trabalho. A romaria passava a ser uma festa em si, para a qual o grupo preparava-se não apenas espiritualmente como também para desfrutar de um acontecimento social. Planejavam-se as datas ociosas, o transporte em conjunto, as acomodações, a alimentação e as atividades paralelas ao ato religioso.

Nos tempos atuais, as peregrinações e as festas religiosas continuam a ser, em geral, um fenômeno de forte coesão humana, pois se constituem em oportunidade de afirmar a vitalidade e a unidade de um grupo, e, assim, são vividas, simultaneamente, como cerimônia religiosa e como lazer. Observa-se que, as peregrinações e as festas religiosas fixam um quadro ritual, mas, ao mesmo tempo, conferem a ele sentidos e papéis novos. Esses eventos proporcionam oportunidades para reuniões, divertimento e lazer mas não apresentam mais o significado mágico-religioso determinado pelas antigas tradições. A interpenetração entre o antigo e o novo gerou novos significados, onde as peregrinações evoluíram para formas de lazer, nas quais o divertimento e a recreação tendem a colocar-se acima da espiritualidade.

O turismo religioso

O turismo é considerado nos dias de hoje como uma importante fonte de desenvolvimento. A institucionalização do turismo está intimamente ligada às peregrinações, que ao longo do tempo deram origem ao aparecimento das pousadas, hospedarias na beira dos caminhos, povoados, portos e cidades, onde os peregrinos podiam pernoitar, descansar e dispor de alimentação, bebida e até mantimentos para a continuação da

viagem.

Na definição oficial (segundo a Conferência Mundial de Roma, realizada no ano de 1960), o turismo religioso é compreendido como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários, ligados à evangelização.

Pelos dados oficiais, após o turismo de negócios, o turismo religioso lidera as estatísticas como o segmento que mais tem se desenvolvido. Ainda não está claro o impacto sócio-cultural provocado pelo turismo religioso, no entanto, segundo a análise de especialistas, é possível observar que tem favorecido o redimensionamento das economias locais. Fatores como hospedagem, comércio, alimentação e lazer, são diretamente afetados pelo afluxo turístico, implicando na reconfiguração de uso do espaço, planejamento de infraestrutura receptiva e organização econômica.

As viagens em busca de espaços próprios para as manifestações da fé envolvem pessoas de várias culturas e diferentes nacionalidades, em todo o mundo. De posse dessa realidade, a indústria do turismo intensificou o investimento nos centros de peregrinação através de ações diretas sobre a realidade local e do uso da mídia e do marketing para incentivar o fluxo de visitantes. A partir daí, algumas regiões começaram a investir em planejamento e obras para ampliar sua capacidade de recepção e proporcionar alternativas de lazer aos turistas.

Num passado não muito distante, a peregrinação estava atrelada ao sentido da

comunhão com o sagrado e fazia da penitência uma forma de purificação para esse encontro. Era o período em que os fiéis dedicavam o tempo e o espaço da romaria fundamentalmente para jejuns, sacrifícios, orações, cantos religiosos, pagamento e realização de promessas. Mas as peregrinações acompanharam as mudanças dos tempos e se transformaram: o sentido da peregrinação foi reinterpretado, tanto pelas pessoas como pela indústria do turismo. A partir da atribuição de novos significados, adaptados a moderna realidade do consumo, os peregrinos passaram a utilizar o momento da peregrinação, antes destinado apenas às práticas religiosas, também como um momento de lazer.

As peregrinações assumem assim, um lugar de destaque no conceito de turismo religioso porque, como qualquer viajante dos outros destinos turísticos, os peregrinos são consumidores de bens e serviços, num movimento de fluxo praticamente ininterrupto. Ainda que determinados destinos sejam mais procurados em função de datas específicas, quando se realizam festas ou espetáculos de maior apelo de atração, as principais rotas da fé mantêm um movimento turístico praticamente contínuo durante grande parte do ano.

Peregrinações e festas religiosas passam, então, a serem utilizadas pelo marketing turístico, incluídas no calendário de eventos oficiais de cada estado ou região, como um produto turístico de cunho cultural e religioso. Assim, as peregrinações se tornam uma dupla fonte geradora de renda - enquanto fornecedora de consumidores em potencial e como atrativo turístico em si. Embora o caráter comercial não elimine o elemento religioso - uma vez que a participação na peregrinação decorre de uma atitude de fé - as atividades paralelas às manifestações religiosas ganham nova

dimensão, como forma de atrair mais visitantes. Potenciais fontes de diversão e prazer tornam-se um atrativo a mais no circuito da fé, para entreter o visitante, prolongar a sua estadia e estimular o consumo.

Nas classes sociais mais abastadas, e com melhor nível sócio-cultural, o turismo religioso é realizado com maiores investimentos e maior duração de tempo, estando quase sempre vinculado a outra atividade simultânea - seja o desfrute de férias, visita à familiares ou lazer cultural. O conforto e o planejamento são primordiais nesse tipo de peregrinação, uma vez que o peregrino possui recursos financeiros e culturais para estabelecer o roteiro e o gerenciamento do seu tempo. Nesse caso, a penitência adquire outro sentido, podendo ser encarada como uma obrigação do fiel de conhecer e aprofundar a sua fé, através da visita aos locais considerados sagrados. Os locais escolhidos para essas peregrinações são conhecidos e famosos no mundo inteiro: Roma, Santiago de Compostela, Lourdes, Fátima, Medjugore, Jerusalém e Meca.

No entanto, alguns fiéis ainda consideram que, em se tratando de turismo religioso, as dificuldades fazem parte do "pacote". Essas dificuldades se apresentam como uma espécie de aventura mística, tendência que pode ser notada em tempos recentes, mais comum entre os jovens e incentivada pelos chamados roteiros alternativos, que resgatam a mística da fé aliada ao contato com a natureza. Um dos mais evidentes exemplos dessa tendência são as diversas rotas ou caminhos que levam a Santiago de Compostela, na Espanha.

Os romeiros menos abastados encontram no divertimento proporcionado pelas romarias religiosas, em geral realizadas sob a forma de caravanas, momentos de descanso, de ruptura com o cotidiano, favorável ao contato familiar e social, além

é claro do fator místico-religioso. Através da realização das peregrinações e da participação nas atividades paralelas que se desenvolvem em função delas, acaba por se concretizar uma oportunidade de divertimento para aqueles que não dispõem de tempo e recursos financeiros para outras formas de viagem de lazer. A prática do lazer proporcionada pelo turismo religioso nas camadas populares faz com que o entretenimento acabe por se igualar, ou até se sobrepor, ao caráter religioso.

O lugar da chegada

Em geral, as peregrinações se dirigem a um santuário ou local consagrado pela religião. Cada santuário tem uma história própria que traduz a interação da fé com a cultura daquele povo. O movimento das peregrinações pode variar de direção e intensidade ao longo do tempo e por diversos fatores de influência, que sempre estarão atrelados direta ou indiretamente à história da região, ou mais recentemente aos apelos dos meios de comunicação.

No Brasil, a maioria dos centros de peregrinações surgiram no início da conquista portuguesa - especialmente nos séculos XVII e XVIII - mas podemos encontrar também outros mais recentes - dos séculos XIX e XX. A obrigatoriedade da existência de uma religião oficial durante a Colônia - quando o Estado incluía a Igreja - e que se prolongou até o fim do Império, foi fator primordial para a manutenção dos valores católicos em todas as regiões. Dessa forma, as nossas peregrinações se dirigem para santuários ou locais próprios de adoração ou devoção católicos, como é o caso da Basílica de Aparecida do Norte, em São Paulo ou de Juazeiro do Padre Cícero, no Ceará, entre outros.

Desde de meados do século XIX, a Igreja Católica começou a buscar a integração dos centros de peregrinação

como parte de uma estrutura institucional, impondo sobre eles maior controle sacerdotal e tendência à uniformização dos cultos. Sacerdotes vindos da Europa tinham por objetivo reformar o Catolicismo, buscando impor o modelo romano, baseado na prática dos sacramentos e do predomínio do clero sobre leituras regionalizadas da fé. A partir desse momento, a Igreja Católica passou a buscar maior visibilidade social enquanto instituição, fazendo-se mais presente e atuante nas regiões onde ocorriam as peregrinações, reforçando principalmente o controle sobre os principais santuários.

Os santuários sempre foram uma das expressões mais fortes da religiosidade do povo brasileiro. Como centros de devoção, para onde se dirigem as romarias ao longo da história, são lugares de maior expressão coletiva da religião popular. Por isso mesmo vivenciavam alguns dos chamados equívocos ou desvios na expressão da fé, que a Igreja se empenhou em corrigir e normatizar. Os principais santuários passaram a ser regidos por estatutos específicos definidos pela Pastoral dos Santuários para a América Latina. Nesses estatutos, os objetivos, metodologias e diretrizes são de caráter eminentemente missionário e evangelizador, visando quatro pontos básicos: a conversão; a defesa e a promoção das pessoas, especialmente dos pobres, necessitados e marginalizados; a integração à vida e à missão da Igreja, pela conscientização da importância do serviço e do testemunho cristão; a expressão e a orientação às devoções aos Santos, segundo a doutrina católica. Nessa perspectiva, os santuários se tornam locais onde o peregrino deve reconciliar-se com Deus, e com as práticas da Igreja, com os outros e consigo mesmo, redescobrando a dimensão da sua fé que, afinal, o trouxe até aquele local.

Recentemente a Igreja Católica brasileira buscando ampliar os cuidados para

com os peregrinos, e interessada na movimentação turística proporcionada por eles, criou a Pastoral do Turismo, como um programa que desenvolve atividades ligadas a recepção e acomodação dos peregrinos, e também sistematiza a dinâmica de distribuição e venda das lembranças aos fiéis. A formação da Pastoral do Turismo no Brasil se insere nas diretrizes da Secretaria Nacional para a Pastoral do Tempo Livre, do Turismo e Esporte - sediada no Vaticano - e que tem por objetivo desenvolver e sistematizar ações de alcance mundial para a implantação ou aumento do afluxo de fiéis-turistas aos locais de peregrinações.

O caminho da padroeira

Um dos exemplos brasileiros em relação às questões do turismo religioso e peregrinações, suas implicações relativas a reconfiguração do uso do espaço urbano, planejamento de infra-estrutura receptiva e organização econômica pode ser encontrado em Aparecida do Norte.

Localizado à beira da rodovia Presidente Dutra - que liga os estados do Rio de Janeiro e São Paulo - o município de Aparecida está situado a leste do estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba.

Diferentemente das outras cidades do Vale, Aparecida não nasceu como via de circulação de mercadorias para abastecimento das minas, no sec. XVII. Sua história está diretamente ligada ao encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição, nomeada depois de "Aparecida", nas águas do Paraíba, em 1717.

A história do aparecimento da imagem da santa narra que três pescadores, numa última tentativa para um dia de pesca fraca, lançaram as redes e puxaram a imagem de uma santa, cuja tonalidade da pele era escura. Espantados com o resultado desse arrasto, passaram a considerá-lo como um sinal dos céus visto que, a partir daquele

momento, a pesca se tornara abundante. Os pescadores logo atribuíram o fato a um milagre da Virgem Morena. Improvisaram um altar e, naquela mesma tarde, toda a vizinhança se reuniu para rezar o terço - o que se tornou uma tradição na vila e deu origem às primeiras romarias.

A imagem encontrada no rio Paraíba é de terracota - argila modelada e cozida em forno - medindo 40 centímetros de altura. Teria na sua forma original uma policromia, como era costume na época, mas não há documentos que comprovem. Quando foi pescada, o corpo estava separado da cabeça e sem policromia, devido aos anos em que esteve mergulhada nas águas do rio. A cor acanelada, que causou surpresa ao povo, deve-se ao fato de ter sido exposta, durante anos, ao picumã das chamas das velas e dos candeieiros. Foi restaurada pela artista plástica Maria Helena Chartuni, do Museu de Arte de São Paulo. Ainda conforme estudos de peritos, a imagem foi moldada com argila paulista, da região de Santana do Parnaíba, situada na Grande São Paulo.

Mais de vinte anos depois desse acontecimento começou a construção da primeira igreja em homenagem à santa, ao redor da qual se desenvolveu a cidade de Aparecida e onde chegavam cada vez mais peregrinos. A primitiva Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi construída pelo padre José Alves Vilela, em 1745.

Em 1888, foi construída a Basílica Velha, que ainda hoje faz parte do complexo religioso, com o intuito de abrigar os romeiros que se multiplicavam. São denominadas Basílica os templos católicos de significado destacado, tendo em vista sua importância para a comunidade cristã. São decretadas basílicas as igrejas mais notáveis pela sua antigüidade, tamanho e beleza, que passam

a gozar de certos privilégios, concedidos pela autoridade competente da igreja católica. A Basílica Velha de Aparecida é considerada de beleza notável no estilo Barroco: ostenta duas torres, altar-môr, retábulo e imagens esculpidos em mármore. A Basílica Velha foi tombada como monumento de interesse histórico-religioso e arquitetônico, em 1982.

Desde 1926, se desejava uma igreja maior, pois nos dias de festa não haviam condições de trabalho e conforto na igreja, que se tornara pequena frente ao afluxo de peregrinos de todas as partes do país.

O Santuário Nacional - também conhecido como Basílica Nova - teve sua planta elaborada pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, em estilo Neo-romântico, e foi aprovada pela Santa Sé. Com 23 mil m² de área construída, o templo tem a forma de uma Cruz Grega e suas naves possuem altura de 40 metros; a cúpula possui 70 metros de altura e diâmetro de 78 metros, e a torre, 100 metros de altura. A lotação normal é de 45 mil pessoas e a máxima de 70 mil pessoas.

Começou a ser erguido em 1955 e foi concluído em 1980, ano em que foi sagrado pelo Papa João Paulo II.. A imagem de Nossa Senhora Aparecida está em um nicho de mármore e ouro, dominando o Altar-Mor.

construção da Basílica Nova incrementou ainda mais as peregrinações ao local. Nos dias de hoje, considera-se que aproximadamente sete milhões de romeiros visitam o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida todos os anos.

A cidade de Aparecida do Norte possui cerca de 38 mil habitantes, e tem como principais atividades econômicas, o turismo religioso, a indústria e a extração de areia. A cidade cresceu rápida e desordenadamente devido ao grande número de romeiros que para lá se dirigem,

não havendo preocupação com a organização do espaço. Há centralização de construções em torno da Basílica Velha e a presença forte e desordenada do comércio ambulante.

A construção da Basílica Nova levou o povoamento às colinas ao redor e a expansão da ocupação sem planejamento vem provocando a destruição da natureza. O grande número de romeiros que se deslocam pela cidade tem trazido problemas de circulação - pois as ruas são estreitas - de organização na ocupação do solo para uso comercial e de infra-estrutura de saneamento e depósito de resíduos. O ponto alto das romarias acontece no mês de outubro, quando se comemora o dia de santa. Nesta época a Basílica chega a receber 200 mil fiéis, quase 6 vezes a população local.

Num olhar atento para os fiéis se percebe que a grande maioria é formada de gente simples, de todas as idades, que não mediu esforços para fazer a romaria. Eles chegam de ônibus, de carro, de moto, de bicicleta, a cavalo e a pé. Muitos cumprem um ritual que começou com seus avós e persiste até hoje. Outros vêm pela primeira vez. Ficam perplexos diante do tamanho do Santuário e de sua beleza. A fé traz o romeiro a Aparecida e a imagem da santa, os extasia.

Os lábios balbuciam ave-marias, atropeladas pela pressa das muitas intenções. As mãos seguram as contas do rosário, a vela, o retrato, as flores. Os joelhos se dobram em reverência. Na alma, o profundo senso do sagrado. No chão que pisam, na liturgia que participam, na oração silenciosa que ecoa em cada peito, uma esperança, um agradecimento. O canal místico-religioso se abre e completa a ponte da fé.

* * *

Porém, uma vez cumpridos os atos religiosos é hora de comprar lembranças para os parentes e amigos que não puderam ir, fazer a refeição, olhar as novidades, ver o repentista e o acrobata. Aproveitar o restante do tempo escasso para tornar a realidade mais atraente, o passeio mais proveitoso e as lembranças mais concretas.

Por isso cada vez mais a infra-estrutura dos locais de peregrinação é enfocada como fator determinante para o sucesso do turismo religioso e como forma de contribuição para o desenvolvimento regional, com preservação da qualidade de vida local. Municípios e a sua população precisam ser conscientizados das possibilidades positivas de desenvolvimento e também dos perigos que a expansão desordenada pode causar. Estado, Igreja e a sociedade civil precisam estar atentos e atuantes, para que num trabalho conjunto possam preservar as manifestações legítimas da fé e a qualidade de vida da região.